

## Golpe de 2016 e a emergência artístico-cultural da diáspora negra Sul-baiana

The 2016 coup in Brazil and the emergence artistic-cultural of black diaspora in the South of Bahia

Golpe de 2016 y el surgimiento artístico-cultural de la diáspora negra en el sur de Bahía

José Lucas Campos Antunes dos Santos

**Resumo:** Este artigo faz de um projeto iniciado como uma contribuição para terceira edição da revista *Artememória: Identities* sob o texto *Diálogos da Diáspora – Que dizem os artistas da diáspora negra-sulbaiana?*. Resultado das discussões corriqueiras e cotidianas da vida linguística, este ensaio é a reelaboração do que foi apresentado e discutido com estudantes e professores no XL Encontro de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no II Seminário de Ensino e Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Assim, propõe estabelecer vínculos discursivos entre estas produções artísticas e o cenário da macro-política nacional, no que diz respeito às motivações misóginas, racistas, homofóbicas e transfóbicas que conduziram e conduzem os discursos sobre o golpe jurídico-parlamentar de 2016, depondo Dilma Rousseff e, sobretudo, à eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018. Desse modo, este trabalho pretende situar a emergência artística e cultural no território Sul da Bahia num contexto de repressão e censura.

**Abstract:** This article makes a project started as a contribution to the third edition of the magazine *Artememória: Identities* under the text *Dialogues of the Diaspora - What do the artists of the Black-Sulba Diaspora say ?*. As a result of everyday and everyday discussions of linguistic life, this essay is a reworking of what was presented and discussed with students and teachers at the XL Meeting of Letters at the Federal University of Rio de Janeiro and at the II Regional Seminar on Teaching and Ethnic-Racial Relations of Federal University of Southern Bahia. Thus, it proposes to establish discursive links between these artistic productions and the national macro-political scenario, with regard to the misogynistic, racist, homophobic and transphobic motivations that led and lead the speeches on the 2016 legal-parliamentary coup, deposing Dilma Rousseff and, above all, to the election of Jair Bolsonaro to the Presidency of the Republic in 2018. In this way, this work intends to situate the artistic and cultural emergency in the southern territory of Bahia in a context of repression and censorship.

**Resumen:** Este artículo hace que un proyecto comience como una contribución a la tercera edición de la revista *Artememória: Identidades* bajo el texto *Diálogos de la diáspora: ¿qué dicen los artistas de la diáspora Black-Sulba?* Como resultado de las discusiones cotidianas y cotidianas de la vida lingüística, este ensayo es una reelaboración de lo que se presentó y discutió con estudiantes y maestros en la XL Reunión de Letras de la Universidad Federal de Río de Janeiro y en el II Seminario Regional sobre Enseñanza y Relaciones Étnico-Raciales de Universidad Federal del Sur de Bahía. Por lo tanto, propone establecer vínculos discursivos entre estas producciones artísticas y el escenario macropolítico nacional, con respecto a las motivaciones misóginas, racistas, homofóbicas y transfóbicas que lideraron y dirigieron los discursos sobre el golpe legal-parlamentario de 2016, depositando a Dilma Rousseff. y, sobre todo, a la elección de Jair Bolsonaro para la Presidencia de la República en 2018. Por lo tanto, este trabajo pretende ubicar la emergencia artística y cultural en el territorio sur de Bahía en un contexto de represión y censura.

**Palavras-chave:** Censura; Sul-baiano; Discurso; Arte.

**Keywords:** Censorship; South Bahia; Discourse; Art.

**Palabras claves:** Censura; Sur de Bahía; Discurso; Arte.

## INTRODUÇÃO

É o vento que tange o movimento. E assim, neste princípio dinâmico, os ventos sopram-me a oportunidade de reelaborar a questão que motivou a publicação do texto *Que dizem os artistas da diáspora negra sul-baiana?*, bem como a difusão do cenário artístico-cultural sul-baiano no XL Encontro Nacional dos Estudantes de Letras e no II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais, na UFSB. Em 13 de Dezembro de 2018, revirado pelas memórias da ditadura militar, 50 anos depois do regime, assistia à repetição de um país saudosista ao fascismo que instaurou mais de 20 anos um regime baseado na tortura, assassinato e perseguição dos considerados inimigos. Cinquenta anos depois e estávamos prestes a ter um militar na presidência, mais uma etapa do golpe de 2016 estava em curso. Alguma coisa urgentemente devia ser feita, devia ser emergente! Sabíamos que não podíamos esperar das instituições do país, afinal era “um grande acordo nacional, com supremo, com tudo”. Mas naquele contexto de urgência o que era emergente? São as gentes que na emergência de romper com os silêncios, estabelecem o elo entre memória, presente e projetam um futuro atravessado pelo pessoal e o político. Gentes que fazem da arte instrumento de libertação de seu povo diaspórico.

De todo modo, a ideia de uma identidade negra que recorresse à ancestralidade num ato de oposição ao racismo branco nas colônias africanas e na diáspora das américas, marcou o processo de emancipação da pessoa negra frente a perversa lógica colonial, interessada na manutenção do *status quo* europeu, e nas vantagens econômicas e históricas adquiridas da Escravidão Negra. Vale lembrar que essa exploração atravessa a contribuição da população negra na mão-de-obra, como acenam muitos livros didáticos sobre a contribuição do negro na construção do Brasil, mas a apropriação de conhecimento e técnicas das populações transplantadas para o Brasil colônia.

Não à toa, muitos grupos étnicos sequestrados da região onde hoje é Gana, detinham os conhecimentos sobre a engenharia das escavações de mina e trato com metais, tais como o pó de ouro utilizado em festas e rituais, uma técnica africana transplantada para mais rentável colônia portuguesa, no século XVIII, ou mesmo os conhecimentos agrícolas do grupo étnico sudaneses nas lavouras de café. A escolha das civilizações a serem escravizadas não se dava de forma aleatória, mas também a partir da seleção dos conhecimentos que determinados grupos étnicos pudessem dar vantagem às investidas econômicas da metrópole sobre a colônia. A escravidão foi definitivamente a roda que girou a economia da lógica colonial.

Para tanto, compreender a formação do território Sul da Bahia requer um olhar crítico direcionado ao intenso processo de resistência à imposição cultural, política e econômica do colonizador, o homem-branco-europeu-heterossexual. Nesse espectro, situa-se a diáspora afro-brasileira, constituída por um grande contingente de etnias transplantadas de diferentes partes do continente Africano, em especial aquelas pertencentes ao tronco linguístico Bantu. A reflexão sobre a amálgama de culturas que formam o Brasil, traduz-se na produção artística das artistas da diáspora negra sul-baiana. O sul-sul que corre em nossas veias anuncia a libertação da diáspora negra na necrópole brasileira.

### **NÃO TEMEIS A TIRANIA DO GOVERNO AUTORITÁRIO<sup>1</sup>**

Insurgente e insubmissa aos paradigmas de uma arte servente à manutenção das estruturas hierárquicas de dominação e poder, a produção artística na diáspora sul-baiana emerge com amor-coragem frente à necropolítica do Estado brasileiro contra o povo negro. É importante ressaltar que em todos os ciclos econômicos e históricos que o país já viveu, houve o genocídio e apagamento da participação de indígenas, africanos e afro-brasileiros na construção da pretensa história oficial brasileira. A política de morte perpetrada durante os mais de quatro séculos de escravidão e colonização perpetuam-se num país fundado pelo derramamento de sangue negro e indígena.

Brasil, país em que a tese de “bandido bom é bandido morto” ou mesmo da obtusa e ignorante discussão sobre “ideologia de gênero” revelam os discursos racistas, misóginos e transfóbicos banalizados de seu eixo fascista pela grande mídia. É estatístico! A necrópole brasileira atua na aniquilação do povo negro, seja através da Polícia Militar, instrumento do Estado para morte física e encarceramento da juventude negra, ou mesmo a negação histórica pelo adoecimento mental e espiritual do povo negro, atualmente preconizada pelas igrejas neopentecostais, no papel de demonizar elementos culturais africanos como a maconha e o candomblé. Assim, nega-se o nome, nega-se a história, nega-se a cultura nega-se a oração. São muitas as estratégias de dominação e controle motivadas pelo modelo neocolonial imposto.

Refletamos sobre o papel da polícia herança da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Para isso, voltemos à 2016, momento que a poeta e professora Lívia Natália teve o seguinte poema censurado e retirado de outdoors e busdoors do projeto Poesia na Rua, do governo do estado, em Itabuna e Ilhéus:

Quadrilha

---

<sup>1</sup> Trecho da música *Crise de Intelecto*, de Cijay, rapper e MC.

Maria não amava João,  
Apenas idolatrava seus pés escuros.  
Quando João morreu,  
assassinado pela PM,  
Maria guardou todos os seus sapatos. (Publicado no Livro *Correntezas e outros estudos marinhos*, Ed. Ogums Toques, 2015)

Os vínculos discursivos entre Quadrilha de Livia Natália e o poema Quadrilha de Drummond situam o amor na tessitura dos acontecimentos vividos pelas personagens. Aqui, a escritora denuncia a interdição da subjetividade negra, criando um contra-encadeamento do amor tecido por Drummond. Ao contrário da Maria de Drummond, esta Maria não amava João pois em sua subjetividade revela-se o encadeamento sistêmico da violência continuada sobre seu corpo e de seu povo, denúncia do genocídio da juventude negra pelas mãos da polícia que mais mata e mais morre.

Após repercussão negativa em setores racistas baianos, forças políticas em torno da Associação dos Policiais e Bombeiros Militares e seus Familiares do Estado da Bahia (Aspra) solicitaram a retirada do poema de circulação. Nas palavras do poeta e professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Jorge Augusto, “o mais perigoso disso tudo é a suposição da PM baiana, de poder, através de suas representações na câmara, estender seu controle do poder (força) para o saber. Achar que pode interditar a fala, silenciar o negro, além de matá-lo, é uma presunção inadmissível” (texto publicado em 12 de Janeiro de 2016 no site Bahia Notícias).

Em nota de escurecimento publicado em seu perfil do facebook, a escritora conta a escrevivência de versejar um país em que inúmeras Marias choram insubmissas lágrimas sobre os corpos dos seus mortos assassinados pelo Estado. Publicação coetânea ao golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016, colocava em evidência o projeto das classes dominantes, num explícito ato de continuidade da interdição e silenciamento do corpo e das vozes negras. Durante o processo eleitoral de 2018, a presidente do partido de Jair Bolsonaro (PSL-RJ) na Bahia, Dayane Pimentel, em uma de suas infelizes declarações anunciou a censura prévia do Governo Federal à Bahia: “O Bolsonaro vai ser o grande fiscalizador cuidando da agenda cultural e intelectual. Essa apologia à ideologia de gênero e doutrinação escolar por meio dos direitos humanos terá fiscalização”, frisou a professora. “Essa será uma questão temática para o boicote, nesses termos, para favorecer a sociedade”. A fala da presidente do Partido Social Liberal PSL- BA nos faz lembrar de um trágico 13 de Dezembro 1968, momento em que é assinado o Ato Institucional nº 5, que além de prever a

permanência dos militares no poder, também indicava a censura como um eficiente mecanismo de violência e repressão. A censura do governo do Estado da Bahia à Livia Natália já denunciava a fiscalização e censura das produções artístico-culturais das artistas afro-baianas no governo Federal, bem como expresso no papel de extermínio da Polícia Militar do Estado da Bahia nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) no estado, até a data presente.

Neste mesmo período, em meio a aprofundada crise política instaurada por setores conservadores e reacionários da direita brasileira, depois de perderem as eleições para a candidatura de Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores- PT) em 2014, – vale lembrar a ação imperialista norte-americana em um certo país rico em petróleo da América Latina, desde a reeleição de seu atual presidente, em 2017 - é publicado o Livro *Profundações*, uma antologia poética e fotográfica, organizado pela Professora Daniela Galdino, com a participação de mulheres de cada rincão do país.

A obra discute, através da poesia, prosa e fotografia, a história de corpos-mulheres dissidentes, concentrados na potência plural e fluida que assumem enquanto identidade política. Os textos exprimem a realidade experienciada desde a sexualidade interdita e silenciada, explorando as potencialidades do corpo feminino, à reflexão de suas ancestralidades, subjetividades e lugares sociais. O revirar das páginas conduzem-me à *Panfletos para Pirilampas e Magnólias*, de Rita Santana, poema na qual a poeta incorpora o a fluidez do rio Paraguaçu análogo ao teu corpo de margens devastadas, de lembranças de um passado de corte aberto no presente, sem vislumbre de futuros utópicos: “Somos um Paraguaçu de fósseis, de lembranças marinhas. Além da devastação em nossas margens, Aragem alguma suaviza as dores do presente.”(2017, p. 153).

No movimento de resistir para existir, a autora de *Tratado das veias* (2006), *Alforrias* (2012) e *Cortesias* (2019) traz à superfície a relação do corpo e a água, num processo ora de cura, ora de depositário de lembranças, num contexto em que conspiram medos e silêncios.

Há acordes de desolação,  
Sinfonia de silêncios,  
Lassidão dos sonhos, das crenças.  
Atavismos seculares nas paredes,  
Nos retratos, nas páginas diárias da História.  
Nosso leito está vazio.  
Nosso eito, sem arado.  
Somos um rio seco, sem curso.  
Somos um poço escuro e profundo,  
Onde não vivem sequer bagres albinos. (SANTANA, 2017, p. 153)

Neste sentido, o Projeto Profundanças é um marco na produção literária sul-baiano e brasileira, pois reincide e publica vozes-mulheres comprometidas com a libertação da comunidade que vivenciam, no ato amoroso emancipação e libertação, ressoando a produção literária e fotográfica da diáspora negra afro-brasileira de forma crítica e cirúrgica no trato paradigmático de uma modernidade tardia e doentia.

Diante deste cenário, o pessoal e político que atravessa estas produções artísticas estilhaçam as máscaras de silêncio que se impuseram ao longo da tradição ocidental. Num intenso processo de resistência à imposição cultural, política e econômica do colonizador, as linguagens artísticas emergem da experimentação de diferentes gêneros literários, musicais e cênicos, conferindo à diáspora negra sul-baiana um discurso corrosivo às estruturas de poder. O sul da Bahia tem jeito para o Brasil!

Os diálogos prementes da efervescência artística e cultural de nossa diáspora é cuidadosamente articulada num compromisso ativo de solidariedade e denúncia da condição negra na Bahia e no Brasil. Na cena do rap baiano as mulheres do coletivo Xota 073 aliam a música à produção de fanzines<sup>2</sup> com publicação de poesias e contos de escritoras negras sul-baianas; além destes gêneros literários, a revista conta com impressão de colagens elaboradas pelas artistas independentes. A intenção é gerar o movimento para circulação de assuntos de interesse público, como o combate à violência contra a mulher; feitas a próprio punho pelas colaboradoras, de modo a reproduzi-las no formato de lambe-lambe<sup>3</sup> pelas ruas da cidade de Ilhéus, Itabuna e Salvador.

A construção de oficinas e vivências em escolas e universidades, bem como a complexa tessitura poética do olhar cirúrgico sobre as realidades experienciadas, tornam os espaços que ocupam arenas de disputa às bases dicotômicas que esteiam ontologia, epistemologia, ética e estética do pacto narcisístico da branquitude. Nos slams situam o corpo atravessado pela experiência de mulheres guerreiras, guardiãs e zeladoras de nossa cultura, no expresso ato de amor em saudar à todas suas iguais e diferentes, que em determinada encruzilhada da vida, venham se encontrar em condições similares de opressão e libertação.

O movimento gerado por coletivos como XOTA 073, Rap de Rua, Poesia de Favela, O Coletivo 7, Cineclubes Cinepivete entre outros coletivos e companhias de teatro sopram insurgentes vozes ancestrais ecoando o futuro que não demora; a liberdade há de vir pelas

---

<sup>2</sup> O termo dá conta da emergência de um novo suporte literário que agrega uma pluralidade de gêneros textuais. Em formato de revista desdobrável, o fanzine pode dar forma à quadrinhos, poesias, contos, colagens, experimentações gráficas, etc. A artista que produz fanzines é chamada de fanzineira ou fanzineiro.

<sup>3</sup> Trata-se de poster artístico colado em espaços públicos.

mãos da mulher negra<sup>4</sup>! Salve Ialorixá Ilza Mukalê, Salve Tereza de Sá, Salve Karen Oliveira, Salve Rita Santana, Salve Livia Natália, salve as mulheres diaspóricas afro-baianas, brasileiras, sulamericanas, pontas de lança para as que virão. Axé!

E para compreender a força transformadora da produção artística no sul-baiano, é preciso retomar o conceito sobre arte tal qual escureceu Abdias Nascimento. Em *Arte afro-brasileira: um espírito libertador* (1976), Abdias reconhece a arte como um ato de amor, “um ato praticado rumo a uma civilização continuamente reavaliada, recriada e compartilhada por toda humanidade” (2018, p. 32), e em última instância, o que nos une a nós mesmos e à comunidade. Desse modo, Abdias retoma na ancestralidade africana o lócus da criação artística na diáspora negra, de modo a criar uma realidade em que o afrodescendente seja produtor de sua enunciação, projetor de uma epistemologia africana, rumo à libertação do povo negro no Brasil e no mundo.

A expansão das vozes mulheres em diferentes territórios de emergência artística traz à superfície a dinamicidade dos caminhos criados pela MC e poeta Má Reputação. No vídeopoesia *Abre Caminho*, o compromisso solidário com a libertação da mulher ver-seja no texto da artista, fazendo ecoar vozes mulheres insubmissas, num horizonte infinito... Segue um trecho do texto dramatizado em vídeopoesia publicada nas redes sociais da artista: “Visto o que é meu e conforta o corpo e a alma / com eles, sem eles, com aldeia eu grito horizonte é infinito, seu falo não temo, falo eu, falo muito, falo mais, o silêncio que é regra eu quebro e me nutre minhas ancestrais, bruxaria” (trecho de vídeopoesia publicado no perfil da artista no YouTube).

Má Reputação elabora um trabalho de ressignificação sob o falocentrismo, recupera o verbete e o transforma em verbo. O verbo é “em transe”. É neste transe, que corpo, cor, voz e memória devolvem a alcunha roubada do deus iorubano, laroyê Exu! Exu é mensageiro, estabelece os elos e vínculos entre passado, presente e futuro num só instante. Exu é o acontecimento da enunciação, é a palavra bem dita. Por ser o orixá que estabelece a comunicação entre o ayê e os deuses e deusas iorubanos no Orum. Exu é quem exprime a relação concreta entre o divino e o humano. Poderoso é o seu axé, força dinâmica de todo amor. Tal como o comunicador, os versos de Má Reputação quebram com o regime de autoridade discursiva instaurando-se no instante da enunciação, ocupa e rasura estruturas baseadas na hierarquia e competitividade, próprias do modelo capitalista, misógino e racista.

---

<sup>4</sup> Trecho da música *Mulher Negra*, da banda Èkó Afrobeat.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo é a força motriz para a manutenção do poder das elites. A conscientização do povo leva a perda de poder e privilégios de uma minoria que se entende como maioria. É só observar e perceber a caricatura estrutural que faz o medo na constituição das instituições do Estado. As salas de aula num formato jesuítico, o símbolo do sofrimento de Cristo pendurado nas Assembleias Legislativas, o esquema panóptico da Universidade Estadual de Santa Cruz, o modelo baseado na prisão, são estas algumas das estruturas organizadas para propagação do medo e controle sobre os indivíduos.

Nesse sentido, a linguagem assume o papel imperativo de integração e aproximação entre os indivíduos, de modo a permitir o choque entre culturas e o deslocar-se, quando se resgata uma epistemologia ancestral, enraizada e lavrada na consciência de uma nação negra. Neste eixo de encruzilhada, Exu cria a conexão, estabelece o elo por meio da comunicação, transitando entre os extremos e criando os entre-meios. Reconhece, como abriu caminho Abdias, o espírito libertador da arte, compreendida enquanto “um ato de amor”. Ora, o que decorreu dos trânsitos afro-atlânticos desemboca no que entende-se por arte afro-brasileira, em que tal arte emerge compromissada ao resgate das tradições africanas – resistente às tentativas de apagamento pela imposição cultural, política e econômica do colonizador - com toda sorte de símbolos e técnicas ancestrais para emancipação e resgate de uma subjetividade negra, africana.

Desse modo, este trabalho pretende situar os discursos presentes nas produções artísticas da diáspora negra sul-baiana de modo a apontar um horizonte de possibilidades de enunciação em espaços de poder. Assim, propondo a revisão da ética vigente, estas artistas propõem descentralizar o discurso hegemônico e fazer um convite à reflexão do que é evidente e escancarado. A revisão da ética que estas artistas propõem descentraliza o discurso hegemônico e faz um convite à reflexão do que é evidente e escancarado.

Assim, o redirecionamento do debate sobre gênero aliando a questões de classe, raça e sexualidade ilustram um novo momento na construção de uma arte que não bate continência para a tradição ocidental, provocando abalos à ética vigente! As produções artístico-intelectuais da diáspora negra sul-baiana rasuram as narrativas do brancocentrismo, aliando seus discursos no combate ao sistema genocida e ditatorial brasileiro. As discussões sobre relações étnico-raciais, gênero e sexualidade no campo da música, das artes cênicas, visuais e da literatura, bem como a ocupação do espaço da universidade (como acontece na Universidade Federal do Sul da Bahia - UFESB, com 80% das vagas para cotistas: negros, quilombolas, indígenas, transexuais, travestis...) é uma revolução que não tem mais volta. A

pauta está posta! A produção das artistas negras da diáspora africana no sul da Bahia nos dizem que em momentos de crise é onde assentamos nossas bases e repensamos as estruturas de poder. E para quem desacreditou, estamos aqui!<sup>5</sup>

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Jorge. Poema Polícia e Política: tópicos sobre o poema de Livia Natália e a PM baiana. Bahia Notícias. Jan.2016. Disponível em <https://www.bahianoticias.com.br/artigo/781-poema-policia-e-politica-topicos-sobre-o-poema-de-livia-natalia-e-a-pm-baiana.html>. Acesso em: 07.05.2020.

ARRAZ, Lucas. Presidente do PSL diz que Bolsonaro fiscalizará agenda cultural e intelectual na Bahia. Bahia Notícias. out.2018. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/228517-presidente-do-psl-diz-que-bolsonaro-fiscalizara-agenda-cultural-e-intelectual-na-bahia.html>. Acesso em: 13.02.2019.

BRASIL. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias / Atualização de Junho de 2016. (Orgs) Brasília: Ministério de Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-brasileira: Um espírito libertador. In: \_\_\_\_\_ (Org.) Histórias Afro-atlânticas vol.2 Antologia. São Paulo.

OLIVEIRA, Karen. Videopoesia “Abre Caminho” – Má Reputação. Salvador, produção Visão, 2020. Disponível em <https://youtu.be/9xki0y6u-D4>. Acesso em: 30.05.2020.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTANA, Rita. Panfletos para Pirlampos e Magnólias. In: \_\_\_\_\_ (Org.) Profundanças 2: Antologia literária e fotográfica. Ipiaú, Voo Audiovisual, 2017.

SOUZA, Livia Natália de. Correntezas e Outros Estudos Marinhos. 1. ed. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

---

<sup>5</sup> Trecho da música *Estamos Aqui*, de Cijay.